

Estudo comparativo da prosa ficcional romântica

Mariana Siqueira Torres da Silva

Resumo

Olaya e Júlio ou A periquita é considerada a primeira novela brasileira a ser publicada de forma seriada em jornal, prática que só se tornou recorrente a partir de 1860, já no nosso primeiro Romantismo. Evento disso é a novela *Amância* de Domingos José Gonçalves de Magalhães, publicada na *Minerva Brasiliense* nos volumes quinze, dezessete e vinte no ano de 1844. Este artigo tem por objetivo fazer um estudo comparativo destes dois textos.

Palavras chave: folhetim, Olaya e Júlio, Amância, estudo, comparativo

Abstract

Olaya e Júlio ou A periquita is considered Brazil's first novel to be published serially in newspaper, practice only became recurrent from 1860, already in our first Romanticism. Event that is *Amância* novel Domingos José Gonçalves de Magalhães, published in *Minerva Brasiliense* in volumes fifteen, five twenty p.m. in the year 1844. This article aims to make a comparative study of these two texts.

Keywords: feuilleton, Olaya e Júlio, Amância, study, comparative

Fase literária e manifestação literária

O texto *O passado, o presente e o futuro da literatura*, escrito por Machado de Assis ainda jovem, 1858, explica como, naquele período, o Brasil precisava de uma literatura própria para afirmar sua independência, e para que isso ocorresse, os literatos precisavam se unir:

No estado atual das coisas, a literatura não pode ser perfeitamente um culto, um dogma intelectual, e o literato não pode aspirar a uma existência independente, mas sim tornar-se um homem social, participando dos movimentos da sociedade em que vive e de que depende. (ASSIS, 1994, P. 03)

Para Machado de Assis, apesar de já terem vindo a público obras como *A moreninha* (1844), *Memórias de um sargento de milícias* (1852 – 1853 em jornal, 1854 em livro) e *O guarani* (1857), até aquele momento, no que se refere ao romance nacional, ainda não havia “a existência animada, a existência que vive, a existência que se desenvolve fecunda e progressiva” (Idem). Ou seja, para Machado de Assis, os romances de Joaquim Manoel de Macedo, Manuel Antônio de Almeida e José de Alencar seriam expressões que, anos mais tarde, Antonio Candido denominaria “Manifestações literárias”, uma vez que “raros, bem raros, se têm dado ao estudo de uma forma tão importante como o romance” (Idem).

Por sua vez, dialogando com o texto de Machado, Antonio Candido fala em seu livro *Formação da literatura brasileira, momentos decisivos* sobre as “manifestações literárias”, poesias e textos públicos surgidos de autores anteriores ao Arcadismo, movimento em que se destacavam, entre outros, Inácio José de Alvarenga Peixoto, Basílio da Gama, Santa Rita Durão:

Em fases iniciais, é frequente não encontrarmos esta organização, dada a imaturidade do meio, que dificulta a formação dos grupos, a elaboração de uma linguagem própria e o interesse pelas obras. Isto não impede que surjam obras de valor - seja por força da inspiração individual, seja pela influência de outras literaturas. Mas elas não são representativas de um sistema, significando quando muito o seu esboço. São *manifestações literárias*, como as que encontramos no Brasil, em graus variáveis de isolamento e articulação, no período formativo inicial que vai das origens do século XVI, com os autos cantos de Anchieta, às Academias do século XVIII. (CANDIDO, 2013, P.26)

Quanto à prosa ficcional, pode-se afirmar que foi inaugurada em 1826, com o aparecimento da novela *Statira e Zoroastes* de Lucas José de Alvarenga, que foi localizada por Hélio Viana (1944/45). Trata-se de uma narrativa à *clef*, ou seja, através de personagens fictícios de reino distantes procura narrar os acontecimentos políticos do Brasil: Zoroastes se disfarça de mulher para ficar perto de sua amada, a princesa *Statira*. Com isso, ele acaba descobrindo o que ocorria no reino de sua amada e como funcionava a sua política. Sobre esta novela, diz o autor:

[...] achava-me empenhado pela minha palavra em fazer uma Novela para certa Senhora, filha de uma das mais Ilustres Famílias de Portugal, em cuja casa fui sempre tratado como filho, desde o meu delicioso tempo de Coimbra, minha idade d'ouro; e também porque não sendo a Novela senão — um discurso inventado para *instrução* [grifo meu] dos homens debaixo da alegoria de uma ação; — parece-me este meio o mais conveniente para aproveitar a oportunidade de *dar algumas ideias de Moral, e de Política*, [grifo meu] misturando agradavelmente o — *utile dulci*. (ALVARENGA, 1826, P. XVI).

A ideia de que a prosa literária tem por objetivo instruir e moralizar perdurou por todo século XIX e não foi diferente com *Olaya e Júlio ou A periquita – novela nacional*, publicada, poucos anos depois, nos volumes quatro, cinco e seis do *Beija-flor annaes brasileiros de sciencia, politica, literatura, etc., etc.*, um periódico literário que, diferente de seus antecessores, deu maior espaço à prosa de ficção do que à poesia.

O *Beija-flor* surgiu no Rio de Janeiro em 1830, variando de vinte e quatro a trinta e seis páginas cada volume, através da tipografia Gueffier E. C. e como era de costume, já em seu primeiro número apresentou seus objetivos no texto “Profissão de fé dos redatores”:

Atrevemo-nos a declarar que semelhantes sentimentos nos guiarão, quando nos julgamos capazes de remediar ao vão que existe em publicações desta cidade, que cada dia se multiplicam, mas nenhuma das quais se incumbiu de resumir as outras e analisar os artigos que fossem de interesse mais transcendente, e de apresentar um só facho de opiniões, algumas vezes em oposição diametral, que conforme a sua direção, eles publicam sobre o mesmo assunto de interesse atual, ou por ser objeto de discussão nas Câmaras, ou porque a curiosidade pública o encarou. Este cuidado pois ficará a cargo de nosso periódico, o qual ao mesmo tempo se ocupará com maior especialidade de muitos ramos de prosperidade pública, tais como a literatura, a economia política, e urbana, e ou

outros assaz negligidos pelas folhas atualmente existentes, envoltas que são na política, e nas suas disputas. (*Beija-flor*, vol 1, P. 4)

O *Beija-flor* não escapou da efemeridade que fazia sucumbir quase todas as publicações literárias, sobrevivendo apenas oito números. A se considerar seu texto de despedida, não teve grande aceitação por parte do público, mais interessado nas disputas políticas:

Graças a Deus chegamos ao oitavo número, meta dos nossos trabalhos. O *Beija-flor* tornou em um voo seguido para suas florestas, muito agastado de ter tido tão pouca aceitação entre os seus patrícios; entretanto nós que fomos seus intérpretes tínhamos muito maior razão de nos enfadar, pois que a graça nos custa umas poucas de belas notas, enquanto a avezinha não perdeu senão tempo, e a loquela; mas o desgosto de quem perde dinheiro não se pode equiparar a ferida que o amor próprio de um autor recebe de qualquer frieza, ou abandono do público; e o nosso *Beija-flor*, ao despedir-se, alçou a fala até os tons da indignação, e com a gargantinha toda inchada, e que cintilava como ouro, e púrpura, dirigiu adeuses assaz furibundos. (*Beija-flor*, vol. 8, P. 232)

Apesar de ser próximo do imperador não entrava nos debates que culminaram com a abdicação de junho de 1831.

Além da já citada novela nacional, seus poucos leitores puderam desfrutar em suas páginas das novelas *O colar de pérolas* de Walter Scott e *Hermiona*. Neste estudo destacarei *Olaya e Júlio ou A periquita*, pode ser considerada a primeira novela nacional publicada de forma seriada:

A escolha de *Olaya e Júlio* se deve ao fato de, ao contrário da pioneira, *Statira e Zoroastes*, conter elementos que a caracterizam como uma novela nacional, embora não se possa afirmar que fizesse parte o movimento romântico que, para grande parte dos estudiosos, se inicia no Brasil com a revista *Nitheroy*, 1837. A narrativa se inicia com o narrador conhecendo um casal em uma visita ao nordeste, e é convidado a ir para a casa deles. Ele repara em uma periquita empalhada e é oferecido a conhecer a história por traz deste animal.

Um menino, chamado Júlio, sendo caçado por outros garotos, devido a sua aparência, tomada pela doença, que o fazia parecer um sapo. Em seu socorro, encontrou

uma menina chamada Olaya, a qual conta de como estava sozinho e de que a única pessoa que lhe cuidava havia morrido, sem deixar-lhe nada. Sentindo pena dele, ela deu uma periquita de presente, para ele vender e conseguir um pouco de dinheiro. Ele aceitou o presente, mas se recusou a vender, dizendo que ela seria sua companheira a partir daquele momento, chamando-a de Olaya. Em troca, Júlio deu o medalhão de sua mãe a menina.

No seu caminho, Júlio conhece um escravo da família, que lhe conta o quanto Olaya era uma menina gentil, e quis levar a culpa no lugar de uma escrava, por esta ter quebrado algo, mas mesmo sendo boa, a mãe dava preferência ao irmão mais velho perverso. Mais adiante, ele conhece um pesquisador estrangeiro, que quis comprar a periquita. Porém, Júlio recusou. O pesquisador esqueceu sua bolsa, que foi devolvida por Júlio. Como retribuição, ele decidiu adotá-lo, cuidando de sua saúde e levando-o para o exterior com ele para estudar.

Júlio cresceu e foi curado de sua doença. Nesse tempo, a periquita faleceu e foi guardada em uma caixinha, cuja Júlio a levaria para todo lugar. Apesar de viver bem na Europa, o rapaz sentiu uma imensa saudade de sua pátria, pedindo para o seu pai de adoção permissão para voltar. Ao ser concedida, Júlio voltou ao nordeste para fazer negócios, descobrindo que a região de Olaya estava passando por condições terríveis devido à seca. Júlio viaja a procura de Olaya. Ele encontrou o irmão de Olaya, o mesmo garoto que perseguiu Júlio durante a infância. Mostrando ser um homem honrado, Júlio o perdoou pelo que ele havia feito no passado e pediu para leva-lo onde Olaya estava instalada. Ela e sua mãe haviam perdido tudo, mas Olaya ainda usava o medalhão que Júlio havia lhe dado anos atrás, cumprindo sua promessa de guarda-lo quando ainda era menina. Sentido o seu amor por Olaya desabrochar depois de tantos anos, Júlio a pede em casamento e salva a sua família da miséria. O escravo que ajudara Júlio foi comprado junto com sua parceira e foram libertados.

Por sua vez, em primeiro de novembro de 1843, surgiu o jornal *Minerva brasiliense, jornal de ciencias, letras e artes*, tipografada na tipografia de J. E. S. Cabral, contendo cerca de trinta e duas páginas a cada edição. Muitos de seus redatores haviam participado da revista *Nitheroy*, como Sales Torres Homem, Domingos José Gonçalves de Magalhães e Manuel de Araújo Porto-Alegre.

Amância foi publicada pela *Minerva Brasiliense* nas edições quinze, dezessete e vinte, nos dias 1º de junho, 1º de julho e 15 de agosto de 1844. Ela foi escrita por Domingos José Gonçalves de Magalhães, também autor da coletânea de poemas *Suspiros poéticos e saudades*, que teve sua publicação no ano de 1836. Por ter sido lançada no mesmo período e conter características da fase romântica brasileira, *Amância* pode ser considerada como uma prosa que faz parte deste movimento.

A história começa com um homem chegando em uma festa em Niterói. As moças pedem para contar o caso da jovem que se atirou no mar. Então, ele começa. O homem, que era médico, estava indo trabalhar, até que avistou uma moça vestida de homem. Esta o confundiu com alguém. Quando a confusão foi desfeita, ele oferece ajuda, que ela acaba aceitando depois de muita discussão. Ambos esperam o amado dela aparecer, mas ele não aparece. A jovem estava com febre e o médico insistiu em levá-la para a casa dela. Ela não quis e se jogou no mar. Ele a levou para sua casa para tratá-la, e acabou por encontrar as cartas de seu amado.

Pelas cartas, descobriu que o nome da moça era Amância e estava prestes a se casar com alguém, obrigada pelo pai. Porém, ela amava outro. Seu amado pediu para que viesse a seu encontro. Aparentemente ela não foi. Na outra carta, ele disse que ia morrer de paixão, culpando-a por isso. Mas na última, ele pediu perdão e disse que ia esperá-la novamente. Além das cartas, havia também a foto do amado.

No dia seguinte, Amância acordou e o doutor prometeu lhe ajudar em seu caso. Ele foi ao quartel para saber onde morava o capitão Jorge. Ao descobrir o local, o médico foi até sua moradia, mas ele não quis recebê-lo. Mandou então um bilhete que acabou por convencê-lo. Jorge chamou Amância de ingrata e o doutor negou dizendo que está doente de amor por causa dele. Jorge então, fica triste de saber que Amância está doente. O pai da moça aparece e briga com o rapaz por ter sumido com sua filha. O médico separa os dois, dizendo que Jorge não havia sumido com ela, e que ela deveria estar na casa de uma amiga ou parente, acalmando-os.

Quando o doutor e o capitão ficaram sozinhos, o segundo pediu para o primeiro ir embora. O médico culpou-o por marcar o encontro com a moça e não comparecer. Jorge disse que a esperou no lugar marcado. Esperou bastante tempo até que desistiu e foi embora. Foi concluído que Amância havia chegado quando ele já tinha saído. Como assunto resolvido, o doutor levou Jorge até Amância e os pediu para esperarem ele

convencer com o pai da moça para abençoá-los. Ao ser levado para aonde o pai estava por um escravo, o médico tratou de conversar com ele. O noivo chegou e revelou ser um rico metido e rude. Ao acabarem com a promessa, ele foi embora e o doutor levou o pai até o casal. O médico contou as moças que foi padrinho do casamento e que o capitão enriqueceu. Ele então se despediu ao finalizar sua história.

Vestígios de movimentos literários nas duas ficções

No livro *História concisa da literatura brasileira*, Alfredo Bosi demonstra quais são as características principais do Romantismo:

[...] o todo é algo mais que a soma das partes: é gênese e explicação. O amor e a pátria, a natureza e a religião, o povo e o passado, que afloram tantas vezes na poesia romântica, são conteúdos brutos, espalhados por toda a história das literaturas, e pouco ensinam ao intérprete do texto, a não ser quando *postos em situação, tematizados e lidos como estruturas estéticas*. (BOSI, 2006, P. 95)

Algumas dessas características já podiam ser encontradas nos dois textos analisados. No caso de *Olaya e Júlio*, o amor pela pátria é demonstrado pelo personagem Júlio, que apesar de ter sofrido bastante quando era menino, demonstrou sentir falta de sua antiga terra e de Olaya, quando foi para Europa com o pesquisador estrangeiro:

Júlio foi apresentado à corte: os seus ordenados foram transformados em uma pensão vitalícia bem suficiente para viver com decência. O doutor o mandou para a célebre Universidade d'Iena a ultimar seus estudos. Júlio distinguiu-se por seus talentos, caráter e conduta, mas o clima não lhe provou bem, e os rigores dos invernos abalavam sua robusta saúde e o enchiam de uma melancolia que virava sobre o passado e as lembranças da pátria. Ele gastava horas a chorar sobre a caixinha que resselava sua periquita. O mal do país, a mais cruel de todas as doenças morais e que devora a substância dos ossos, o agarrou à época da puberdade: ele à vista definhava; e o bom doutor, depois de apurar quantos meios a sua ciência médica e a dos seus doutos amigos proporcionavam, já andava desesperado, quando ele um dia surpreendeu Júlio na sua ocupação favorita – que até então escondia a todos os olhos –, banhado em lágrimas, a contemplar a periquita. Júlio atirou-se a seus pés e, entre soluços,

exclamou: “Meu benfeitor, meu pai, perdoai!... Eu morro, se não torno para meu país...” (*Beija-flor*, vol. 5, P. 157)¹

Em *Amância*, aparece o amor romântico entre a jovem Amância e Jorge, o qual é proibido pelo pai da moça. Também está presente amor em *Olaya e Júlio*, entre o casal intitulado, que até estavam casados quando o narrador os conheceu, além de ter havido a troca que fizeram quando crianças: Olaya deu uma periquita para Júlio e este deu o colar da mãe, que ela guardou até a idade adulta. O foco dessa história está no personagem Júlio, que passa por muitas provações até conseguir o seu final feliz. Além disso, o provável autor dessa novela, Charles Auguste Taunay (MEYER, 1986), não havia escrito este texto participando de algum grupo literário como o Romantismo, que na época nem existia no Brasil. Em ambas as novelas, os casais terminam juntos, sem precisarem sofrer graves consequências por causa disso.

Apesar de não ter o patriotismo romântico, o lugar onde ocorre a história de *Amância* é claramente no Brasil, como a maioria dos textos do Romantismo brasileiro. Além disso, é demonstrada a riqueza na descrição da cidade, como demonstrado neste trecho:

Já ia cortando a baía do Rio de Janeiro para a capital a última barca a vapor, toda iluminada e apinhada de famílias, que na graciosa cidade de Niterói haviam passado a tarde de um domingo. As estrelas estavam encobertas por uma nuvem escura que anunciava chuva, e em toda a extensão da praia, tão animada durante o crepúsculo, só se ouvia agora o melancólico mugido das vagas. Ao dia tinha sucedido a noite, e com ela desceu sobre a cidade dos prazeres campestres o silêncio e a calma exterior, enquanto algumas casas por dentro iluminadas mostravam que ainda não tinham cessado os seus divertimentos. Em uma dessas casas cantavam e dançavam, vendo ao través das vidraças a claridade repentina dos relâmpagos. (*Minerva Brasiliense*, vol. 9, P. 267)²

Em *Olaya e Júlio* também é encontrado descrições bem detalhadas do ambiente por onde os personagens passam ou vivem. Um bom exemplo é o trecho descrito abaixo:

¹ Esta transcrição tem por base a edição de Pereira, Norma Leles Amaral.

² Esta transcrição tem por base a edição de Serra, Tania Rebelo Costa.

A casa era de pau a pique com reboque de barro, mas varrida e asseada. Não se viam outros móveis senão a tal cadeira, dois bancos, uma banquinha com um pequeno oratório, e no fundo da salinha uma jirau de varas, à moda de marquesa, sobre a qual uma mulher branca de mediana idade, já entravada, estava deitada encima de uma esteira. No chão ao pé do jirau, e sobre outra esteira, jazia uma menina de 10 ou 12 anos, envolta num cobertor, e que parecia moribunda. (Beija-flor, vol.6, P. 177)³

Os pré-românticos e os primeiros românticos brasileiros tiveram certa influência dos naturalistas estrangeiros do século XVIII, pois estes descreviam a natureza do Brasil como uma fonte de emoções.

É preciso lembrar que esses homens descreveram frequentemente a natureza como fonte de emoções, atuando sobre a sensibilidade, que se exaltava ao seu contacto, mostrando aos brasileiros que sua contemplação pode despertar o verdadeiro rejuvenescimento espiritual. (CANDIDO, 2013, P. 290)

Existem componentes em *Olaya e Júlio* que se relacionam com o Pré-romantismo e também com o Romantismo que é a relação com a natureza. A relação de Júlio com a periquita e a recusa de tirá-la de perto de si quando ela faleceu pode ser interpretada como uma forma de recusa ao esquecimento de seu antigo país e de Olaya.

O personagem que adota Júlio, doutor Willians S., é uma representação do naturalista estrangeiro que veio ao Brasil com a intenção de fazer novas descobertas e admirar a sua natureza exótica. Sua fixação por esta natureza era tanta que compraria a periquita de Júlio por um preço alto na compra. Júlio recusa a oferta, mas, em seguida, devolve a bolsa esquecida para o doutor, mostrando o seu bom caráter. O doutor recompensou, tornando o seu tutor, ajudando a curá-lo e o levando para estudar fora.

Em *Amância*, a situação ocorrida entre o casal principal pode acontecer com qualquer tipo de sociedade patriarcal, que se baseia no pai como o chefe de família. Ele toma as decisões na casa e sua esposa e filhos devem aceitar, independentemente de sua opinião. Esse tipo de situação aparece muito em novelas e romances românticos, sendo o mais comum o pai obrigar a filha a casar com alguém que ela não ama, ao mesmo tempo que ela já tem o seu amado, que normalmente é alguém mais pobre e que o pai não aceita, como na própria novela citada no início deste parágrafo. Em *Olaya e Júlio*,

³ Esta transcrição tem por base edição de Pereira, Norma Leles Amaral.

apesar de não haver a figura do pai no caso de Olaya, existe certa presença cultural da sociedade patriarcal através da mãe, que dá mais atenção e afeto ao irmão mais velho por ser menino e herdeiro da fazenda enquanto ignora a filha, que por ser menina, não tem o direito a herança.

A moral no final de *Olaya e Júlio* seria próxima aos valores defendidos por um autor romântico, que tinha como objetivo demonstrar que seguir os padrões da época como o homem estudar e honrar suas promessas, e a mulher ser sempre boa com os outros não questionando a sua sociedade, haverá de ser recompensado. Tanto Olaya quanto Júlio conseguiram ter um final feliz porque seguiram de acordo com o que era de se esperar da sua sociedade. Até mesmo o escravo de Olaya foi recompensado com a liberdade por ter sido bom. Ninguém foi punido no final, pois os que fizeram o mal se arrependeram e já haviam sido castigados anteriormente.

Na novela *Amância* é mostrada através do personagem do doutor que é possível conseguir o que quer sem com isso burlar as regras da sociedade, apenas tendo uma conversa inteligente como a que ele fez com o pai de Amância, o convencendo a dar a benção para o casal que até então viva um romance escondido. Isso mostra em parte, o lado religioso do doutor, pois este não queria que o casal fugisse, e sim que eles fossem abençoados e se casassem, que é o que ele considera o correto, assim como a sociedade daquela época. Foi demonstrado também que o noivo da jovem, ao contrário do namorado, não a merecia, pois ele era uma pessoa esnobe que apenas se importava com o dinheiro, perdendo então a noiva no final.

Pode-se dizer que *Olaya e Júlio*, que contempla elementos do Romantismo, apresenta certa característica Regionalista, pelo jeito como descreve a região com suas adversidades, como a seca, e suas belezas. Algo que também pode ser levado em consideração é o quanto a história lembra, de certa forma, um conto de fada. Um menino, cuja aparência lembrava a de um sapo, foi ajudado por uma menina que ele chamou de anjo, voltou anos depois, com a aparência mais bela, para retribuir a sua bondade e casar com a jovem.

Análise do enredo em relação às características dos romances em folhetim

Como dito anteriormente, o protagonista de *Olaya e Júlio* é Júlio que, além disso, é o “mocinho” do casal. No romance publicado em folhetim, costumava haver pelo menos três tipos de personagens: a vítima, o vilão e o herói ou vingador. Como mencionado acima, Júlio é obviamente o herói da história, pois além de ficar com a “mocinha”, ele salva Olaya e sua família da pobreza, apesar do irmão da moça o ter tratado mal no passado.

Em *Amância*, porém, fica mais difícil de classificar. O doutor que conta a história não é o homem que fica com Amância no final, sendo ele o capitão Jorge, mas ele pode ser considerado não só o protagonista, mas também o herói, pois ele é quem faz as ações que possibilitam o casal terminar bem. Nesse sentido, o médico se assemelha muito com o doutor Willians S. de *Olaya e Júlio*, não apenas por ambos serem homens cultos e doutores nas ciências da natureza, mas também por ambos ajudarem, apesar de no caso de Willians ser indiretamente, o casal principal a ficar junto. O doutor Willians leva Júlio para estudar no exterior e curar sua doença, sendo que quando Júlio volta ao Brasil, está mais bonito e inteligente, resolvendo os problemas de Olaya. E o médico, além de salvar Amância quando tenta se suicidar, convence o pai da moça a cancelar o noivado e deixá-la se casar com quem ela realmente amava.

Com relação ao vilão, em *Olaya e Júlio* era o irmão de Olaya o primeiro antagonista, que perseguiu Júlio devido a sua aparência doente. Outra personagem que também possui algo desse arquétipo é a mãe de Olaya. De acordo com o escravo que Júlio encontra em sua caminhada, ela favorecia o irmão mais velho e desvalorizava a filha. Nesta conversa, ele acaba contando ao menino o quanto Olaya era uma menina boa, o que faz com que ela se encaixe bem no papel de “mocinha” da novela:

O bom preto, ao ouvir a história, ficou todo enternecido e, depositando o cesto no chão, travou uma comprida conversação com o pequeno, contando-lhe as particularidades da fazenda e da família, os nomes de todos os sítios e de todos os indivíduos; como o sr. moço José Frederico de ... era soberbo, ousado, sem entranhas para bichos e gente; como, pelo contrário, a senhora moça mostrava-se meiga, afagável e caritativa. Ela dava quanto tinha aos pobres e se achava sempre pronta a orar a favor dos escravos e desculpá-los; que ela poupava à parceira dele, Domingos, mucamba da senhora velha, uma tremenda sova, à

custa de duas dúzias de palmatoadas que a mãe assentara sem piedade nas mimosas mãozinhas, por causa de uma rica porcelana da China que a preta tinha quebrado, mas da qual Olaia tomou a culpa; que, desde então, ele, Domingos, estava pronto a dar o sangue e a morrer debaixo do chicote por Olaia; que ele levava todos os recados e presentinhos dela às meninas pobres da vizinhança; entretanto, uma menina tão perfeita não estava ditosa, porque a mãe, que não tinha olhos senão para o filho mais velho, não gostava dela; e se bem que o pai não participasse da preocupação, ele não era muito ouvido na casa, porque todos os bens eram da senhora, que tinha casado com um filho do Reino que principiara por ser feitor na fazenda. (Beija-flor, vol. 4, P. 122 – 123)⁴

Todavia, houve redenção para os dois, no final, com o irmão de Olaya tratando Júlio de forma mais educada depois deste ter ficado mais velho, de aparência mais saudável e por este ter salvo a mãe e a irmã da miséria.

Em *Amância*, o antagonista principal é o pai de Amância que, representando o poder da sociedade patriarcal, queria forçar a moça a se casar com alguém que ela não amava. Mas quando a jovem foge de casa, ele fica muito preocupado. O doutor convence-o que o melhor para a sua filha era deixar que ela e o seu amado ficassem juntos. Por causa disso, o pai da jovem acaba tendo sua redenção, assim como o irmão e a mãe de Olaya. Quem continua tendo uma atitude de vilão, no entanto, é Norberto, o noivo de Amância, que apesar de aparecer pouco, mostra em seu diálogo o quanto se importa mais com o dinheiro do que com qualquer outra coisa:

O sr. Fábio diz-me isso?... Ainda esta me falta ver. Será esse senhorzinho o mimoso? E com ar desprezo mediu-me de alto a baixo. Não pude deixar de dizer lhe: - Se o seu dinheiro lhe não tem servido para adquirir melhor educação, e tratar com mais reverência os desconhecidos, eu me encarrego de educá-lo de graça. (*Minerva Brasiliense*, vol. 10, P. 294)⁵

A figura da vítima e a da mocinha podem ser consideradas a mesma nessas duas novelas devido a semelhança que elas têm. A vítima é alguém que sofre algo de ruim enquanto a mocinha tende a sofrer algo que impede de ficar com o seu amado, às vezes até a morte. No começo, Júlio pode ser considerado como uma vítima, devido à doença e aos maus tratos que recebeu tanto do irmão de Olaya quanto da própria vida solitária no sertão. Mas isso muda quando é adotado pelo doutor Willians, que o leva para

⁴ Esta transcrição tem por base edição de Pereira, Norma Leles Amaral.

⁵ Esta transcrição tem por base a edição de Serra, Tania Rebelo Costa.

estudar na Europa e trata da sua moléstia. Voltando para o Brasil, Júlio descobre que Olaya e sua família perderam muito com a seca, invertendo-se os papéis. Na novela de Domingos Magalhães, tanto Amância quanto Jorge são os que mais sofrem na história. O pai quis obrigar Amância a casar com uma pessoa que ela não amava, não deixando que ela ficasse com Jorge. Existem dois tipos de impossibilidade do amor, que são a fuga ou a morte, no qual o casal optou pela primeira. O seu amado propôs uma fuga, esperando por ela, mas desistido depois de tanto esperar. Ela chegou tarde e não o encontrou, tentando cometer suicídio devido as suas desgraças. O doutor a salva e a ajuda a ficar com o seu amado, propondo uma terceira opção que seria apelar pelo amor que o pai de Amância tinha pela sua filha, e no final concedesse o seu casamento com Jorge. No caso tanto de Olaya quanto de Amância existe a junção da figura da vítima e da mocinha, que são resgatadas pelo herói da história.

Júlio pode ter sido vítima no começo da história, tendo sofrido com a doença, a perda da mãe e as travessuras do irmão de Olaya. Porém ele deu a volta por cima e se tornou o herói que salva Olaya e sua família da miséria.

O romance em *Amância* é algo mais melodramático e com uma história mais típica de um folhetim do que *Olaya e Júlio*. Não só pelas palavras, mas sim pelo que elas nos contam. Para apresentar verossimilhança na narrativa em ambos os textos, foram utilizados dois recursos narrativos: um viajante em *Olaya e Júlio* recebe manuscritos, escritos pelo próprio Júlio, após perguntar sobre a periquita empalhada. Este viajante faz algumas modificações antes de publicar, sendo então ele o narrador da história, mas o ponto de vista é o de Júlio. Em *Amância*, o narrador de fato é o doutor, que viveu aquela narrativa e conta a história sob o seu ponto de vista para as jovens da festa, que insistiram que ele a contasse.

Se analisarmos por este ângulo, pode-se dizer que o enredo exagerado e os personagens caricaturais da novela de Gonçalves de Magalhães, tenham sido feitos propositalmente, pois o doutor estava contando a história para moças que, assim como as da vida real, eram a maioria dos leitores de romance de folhetim.

As características de romance em folhetim apresentadas em *Amância* podem também ser devido ao fato de Gonçalves de Magalhães ter participado do desenvolvimento do teatro no Brasil. Ele levou em cena a peça *Antônio José ou O poeta da Inquisição* (1838), que segundo ele era “a primeira tragédia escrita por um brasileiro

e única de assunto nacional”. Por ter participado do teatro, o autor pode ter usado algo do melodrama, pois este influenciou a forma de escrita dos romances folhetins.

Apesar de ambas novelas não serem tão conhecidas quanto outras e, no caso de *Amância*, serem apenas usadas como citações de obras que o autor fez com o decorrer dos anos, não significa que não possamos analisá-las e lhes tirar proveito. *Olaya e Júlio* é uma boa novela e deveria ser mais valorizada, pois além de ter sido a primeira a ser publicada em folhetim no Brasil, pode ser considerada uma das, se não for a primeira, a escrever uma história que apresenta características nacionais. Enquanto *Amância*, não se pode dizer que é uma das melhores novelas românticas, nem mesmo das do autor, mas faz parte deste esforço para contribuir com uma literatura de prosa brasileira e foi bom a ter usado como objeto de análise para este artigo, pois nota-se o quanto à forma literária mudou com o passar de alguns anos.

Bibliografia:

Fontes:

Beija-flor annaes brasileiros de sciencia, politica, literatura, etc., etc. volumes um, quatro, cinco, seis e oito. Tipografia Gueffier E. C. 1830/1831.

Minerva brasiliense, jornal de sciencias, letras e artes volumes nove e dez. Tipografia de J. E. S. Cabral. 1844

Obras consultadas:

ALVARENGA, Lucas José de. *Statira, e Zoroastes*. Imperial Tipografia De Plancher, 1826. Disponível em 13/10/2016:

<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/biblioteca/0073/index.htm>

ASSIS, Machado. O passado, o presente e o futuro da literatura. *Obra Completa de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, vol. III, 1994. Disponível em 05/10/2016:

<http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/critica/mact01.pdf>

BOECHAT, Maria Cecília. “A consciência criadora de Gonçalves de Magalhães: retorno a ‘Amância’”. *Revista do CESP* – vol. 31, n. 45 – jan.-jun. 2011

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Rio de Janeiro: Editora Ouro sobre Azul, 2013.

MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de. “Amância”. *Minerva brasiliense, jornal de sciencias, letras e artes* nº 09 e 10. Tipografia de J. E. S. Cabral. 1844

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____ “Uma novela brasileira de 1830” in *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, nº 2, Universidade de São Paulo, 1967, pp. 125/30.

PEREIRA, Norma Leles Amaral. *Olaia e Júlio, ou A periquita: novela nacional – edição e estudo*. Belo Horizonte: UFMG, 2010. Disponível em 06/10/2016:

<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/ECAP-83ZLB6>

SERRA, Tania Rebelo Costa. *Antologia do romance-folhetim (1839 a 1870)*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

TAUNAY, Charles Auguste (Autoria atribuída). “Olaya e Júlio ou A periquita – novela nacional”. *Beija-flor annaes brasileiros de sciencia, politica, literatura, etc., etc.* nº 04, 05 e 06. Tipografia Gueffier E. C. 1830/1831.

TINHORÃO, José Ramos. *Os romances em folhetins no Brasil: 1830 à atualidade*. São Paulo: Editora Livraria Duas Cidades, 1994.

VIANA, Hélio. “As primeiras novelas brasileiras à clef”. *Anuário brasileiro de literatura*. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1944/45 nº. 07 e 08, P. 234 - 243, 1944.